

INTRODUÇÃO AO MIDRASH – TEXTO PRODUZIDO PELOS MEMBROS DO GRUPO BEIT MIDRASH SOB ORIENTAÇÃO DA PROF. AÍLA PINHEIRO DE ANDRADE

1. Céus fechados: “fim” dos profetas e início dos sábios (= mestres ou rabis)

A profecia foi se extinguindo pouco a pouco em Israel. O texto de 1Macabeus 9:27 testemunha que já havia transcorrido muito tempo “desde os dias em que tinham desaparecido os profetas”. O livro de Malaquias, último dos profetas, foi escrito próximo a 445 a.C, isso significa muito tempo até 164 aC com os Macabeus. Para essa situação se usava a expressão “céus fechados”.

As profecias, durante o exílio e logo depois dele, prometiam que Israel se tornaria um grande império, mas ao passar para a dominação persa houve uma grande decepção, já que as promessas de sucesso político para Israel não estavam se cumprindo. A situação era grave porque parecia não haver mais possibilidade de história para Israel, porquanto o povo estava sem a orientação de Deus. Dizer que os céus estavam “fechados” significava viver em tempos de perplexidade e desorientação. O contato com sábios mesopotâmicos e persas os despertou para a reflexão. Eles perceberam que precisavam entender o que Deus já tinha dito e evitar novas profecias que poderiam levar a uma crise de fé.

Então a profecia foi cedendo lugar à sabedoria. Esta, diferente daquela, compreendeu-se como resultado da reflexão humana, do exercício da inteligência iluminada por Deus. Findaram os profetas, começaram os sábios. Há um dito judaico חכם עדיף מנביא (chacham adif menavi', melhor o sábio que o profeta). “Havia profetas profetizando pelo Espírito Santo; mas, desde então, inclina o teu ouvido e ouve as palavras dos sábios” (*Sêder Olam Rabah* 86).

O fim dos oráculos deu início à reflexão sobre a produção literária anterior e também sobre algumas tradições que não tinham sido escritas ainda. Contudo ainda não é o tempo dos Midraxex como os conhecemos agora. E sim a escrita do último bloco do Antigo Testamento, os Escritos (Ketubim ou Ketuvim), os livros poéticos. O que conhecemos como *Antigo Testamento*, é chamado pelo judaísmo de *Tanakh*, acróstico de *Torah* (Pentateuco), *Nevi'im* (Históricos e Proféticos) e *Ketuvim* (os demais escritos).

Ketuvim, esse bloco temático do Antigo Testamento, fruto da sabedoria de Israel, foi denominado pela *Vulgata* (tradução da Bíblia para o latim, feita por Jerônimo entre 390 e 405 dC) como **Livros Sapienciais** (do latim *Sapientia*, sabedoria). Na versão grega (Septuaginta ou LXX) são chamados de *Hagiographa* (do grego: escritos sagrados). Na Bíblia hebraica *Ketuvim* significa “Escritos”, substantivo derivado da mesma raiz hebraica do verbo *katav*, escrever. Na bíblia hebraica os *Ketuvim* compreendem os seguintes livros: Jó, Provérbios, Salmos, Cânticos dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

A atividade dos sábios foi se prolongando durante séculos em Israel. Cada novo período histórico trazia novos desafios e novamente os sábios reinterpretabam as Escrituras e tiravam das coisas velhas, novas coisas do mesmo tesouro (Mateus 13:52). Os cristãos, ao escreverem os livros do Novo Testamento, vão ser herdeiros dessa tradição sapiencial e voltando às antigas profecias messiânicas, vão reinterpretá-las não como sucesso político para um império israelita, mas mostrando que elas se cumpriram de modo diverso no mistério de Cristo.

2. Mestre = Rav, mas no sentido de rabinato.

A aliança tinha um mandamento central: adorar somente ao Deus UM (Dt 6,4). Era esse o alvo a ser atingido pelo povo, desviar-se daí consistia em pecado (*chattaah*, literalmente: “errar o alvo”).

Por causa disso, no exílio da Babilônia, a instrução de Deus a seu povo tomou a forma de livro. Passo a passo, foi se completando a Torah escrita. E, da mesma forma que o termo “torah” vem do verbo *yarah* (literalmente: lançar, ter por alvo), é necessário que haja também o arqueiro (*rav ou ravah*) que ensine o povo a acertar o alvo. Dessa forma, Deus é o alvo, a Torah é a instrução para acertar o alvo, o Rav é o arqueiro que acerta e ensina a acertar o alvo. O pecado é o erro do alvo.

Por isso, no exílio Israel é identificado como o Servo, o qual é discípulo e Rav. Pois aprende a instrução (Torah) de Deus e a ensina não somente ao Israel renovado, mas até mesmo às ilhas mais distantes (Isaías 50:4).

Pelo ouvido, o Servo recebe a instrução que, depois de vivenciada em diferentes momentos de adversidades, flui como ensino através de suas palavras.

3. Destruição do Templo: literatura

Em hebraico a letra ך tem som de “B” ou de “V”. Assim, Rav é um termo genérico usado para quem ensina a Torah, seja de forma autorizada, ou seja, reconhecida pelas autoridades religiosas ou reconhecida pelo povo. Nesse último sentido o termo foi aplicado a Jesus.

Rabi significa “meu mestre”, e Rabino é “nosso mestre”. O sufixo é o pronome.

Mas após a destruição do Templo no ano 70 d.C., com o fim do Sinédrio (tribunal liderado pelo sumo sacerdote com a maioria dos membros sendo sacerdotes), os intelectuais tomaram a frente do povo para reerguer a fé judaica das cinzas através de uma volta aos textos bíblico, principalmente da Torah, procurando ali novas interpretações.

A esses sábios é que se dá o título de rabis ou rabinos. Foram eles que transmitiram e escreveram as interpretações da Torah dando origem ao midrash propriamente dito.

Conclui-se, então, que os primeiros sábios viveram durante a época do Segundo Templo (dominação persa e helenista) e escreveram a literatura que hoje conhecemos como *Ketuvim*.

Os rabis que são herdeiros daqueles primeiros sábios, escreveram após a destruição do Segundo Templo, após o ano 70 d.C. Entre as obras que eles produziram estão os midraxes (ou midrashim, plural de midrash).

4. Os sábios que deram origem à chamada literatura rabínica: dificuldades para identificá-los.

Abraham ibn Daud (siglo XII) em seu livro *Sefer ha-Qabbalah*, (trad. de D. Ferre, ed. Riopiedras, Biblioteca Nueva Sefarad, vol. XIV), nos apresenta os sábios da Mishnah e do Talmud como os últimos encarregados de estudar, salvaguardar e transmitir a seus discípulos a Lei Oral que Deus tinha dado a Moisés no Sinai junto à Lei Escrita e os põe em relação com os Profetas bíblicos. Assim afirma:

“os sábios... não disseram nada de sua própria criação... exceto as correções que fizeram com o respaldo de todos com a finalidade de construir uma vala¹ para a Torah... nunca estiveram divididos no fundamental de cada mandamento, somente em seu desenvolvimento”.

Seu protagonismo foi, portanto, crucial na história do judaísmo: foram os responsáveis por uma das partes fundamentais da essência religioso-vital do povo continuar mantendo-se apesar das vicissitudes contrárias à sobrevivência do judaísmo. Como ocorre com os grandes personagens de todos os tempos, sua relevância foi tal, que se converteram em ponto de referência para o povo, que sempre gosta de conhecer suas anedotas. Também foi inevitável estivessem rodeados de um halo de mistério que facilitou o surgimento de muitas lendas a respeito deles.

Consideremos que para um estudo desses personagens não podemos contar biografias como as que aparecem no Egito ou na tradição greco-latina. Devemos nos conformar em conhecê-los a partir das referências feitas nos textos rabínicos em relação às suas atividades.

Ao estudarmos sobre os sábios, o rigor absoluto não pode ser nosso objetivo porque os dados revelaram o sabor lendário típico com que os povos vêm seus personagens mais significativos. Portanto, ninguém pode esperar encontrar biografias, no pleno sentido da palavra, porque isso é impossível de lograr, primeiramente por causa do material de pesquisa com o qual podemos contar, e segundo, pela própria idiosincrasia da cultura na qual nos movemos.

A datação é estabelecida por mestre-discípulo = geração

A cronologia dos rabinos é relativa: datas exatas não nos foram transmitidas

- Os nomes dos rabinos como meio de datação é um sistema problemático, pois:

- a) os autores de algumas sentenças são desconhecidos
- b) diferentes rabinos têm o mesmo nome
- c) A transmissão textual é insegura
- d) Há sentenças compartilhadas por distintos mestres

- Problemática das biografias de rabinos

- a) Na literatura rabínica não há interesse biográfico
- b) Foram obtidas referências isoladas, difíceis de conectar;
- c) Algumas dessas referências são lendárias

¹ Vala = fosso de proteção como nos castelos feudais.

Desenvolvimento = interpretação, atualização para novos tempos.

5. Hillel e Shammai = escolas: dão início à cadeia de sucessão no rabinato.

Após a destruição do Segundo Templo (ano 70 d.C) os sábios (mestres) judeus, daqui em diante denominados rabis, empreenderam a tarefa de recolher as tradições interpretativas das Escrituras atualizando tais interpretações para enfrentar os novos desafios de um judaísmo novamente sem o templo.

Os primeiros elos da cadeia de sucessão dos rabis são ****as escolas**** de Hillel e de Shammai. Esses sábios, que viveram antes da destruição do Segundo Templo, não produziram literatura, mas influenciaram bastante o judaísmo de sua época. Após a morte de ambos, seus discípulos continuaram retransmitindo seus ensinamentos e legaram às gerações posteriores um cabedal de ensinamentos derivados das interpretações das Escrituras que tinham recebido desses dois grandes mestres.

a) Hillel

Procedente da Babilônia viveu entre o séc. I aC e séc. I dC.

Diz a lenda que viveu 120 anos: durante 40 anos trabalhou, 40 anos estudou e 40 anos ensinou.

Características: paciente e humilde. Foi **Nasi** durante o reinado de Herodes.

Inovador: elaborou as 7 regras do Midrash, tendo por base a analogia, a associação e a dedução.

b) Shammay

Pouco se sabe sobre ele, viveu entre o ano 51 aC e séc I dC.

Pode ter sido construtor.

Características: impaciente e rigoroso. Suas sentenças severas predominam sobre as não severas. Severidade em questões de pureza.

A tradição contrapõe ambos os personagens. Chegaram até nós, principalmente, as disputas das escolas de ambos os mestres, mas o *Abot de Rabi Natan* esclarece que não havia conflitos entre os mestres, apenas entre as escolas (os discípulos).

“No início não havia controvérsia em Israel... quando alguém precisava de uma Halaká ia ao Grande Sanedrín... Com o aumento dos discípulos de Hillel e de Shammai, que não tinham estudado a Torah adequadamente, a controvérsia cresceu em Israel” (ARN 15:3-5).

6. Gerações dos Rabis

7. O que é Midrash

8. Tipos de Midrash

9. Regras de Midrash

10. Diferença entre Targum e Midrash